

Profecia contra as nações

Ezequiel 21-30



EBD – Revista Compromisso Ano CXIV N° 468
Lição 9 – Domingo 26.11.2023

Elaborado por
Catarina Damasceno

Texto áureo: Ezequiel 22.30

Introdução

Bem que o profeta Ezequiel alertou o povo sobre o destino que os aguardava enquanto tentava animá-los com esperança de arrependimento e volta para o Senhor. Mas não houve mudança de atitude e finalmente Jerusalém caiu. Assim, antes que um novo momento se iniciasse, Ezequiel relatou uma série de palavras proféticas contra nações e povos que se avizinhavam de Israel.

Ezequiel sabia que o foco principal do seu ministério era a nação escolhida pelo Senhor, mas isso não deveria excluir a responsabilidade de anunciar o que Deus tinha a dizer sobre os outros povos.

Desenvolvimento

A nação de Judá foi invadida e derrotada pelo rei Nabucodonosor da Babilônia em 586 a.C., quando a maioria de seus cidadãos foi morta pela guerra ou fome, ou exilada para a Babilônia. Enquanto Jerusalém caía, Ezequiel recebia novamente a Palavra do Senhor ordenando que se virasse para profetizar contra as nações vizinhas de Israel. Existe pelo menos uma indicação de que o sofrimento das nações vizinhas, resultante das aspirações nacionalistas de Israel, e sua necessidade de salvação se justifiquem por causa do bem que flui da nação. Como Gênesis 15.16 mostra, os atos de Israel contra essas nações são vistos como forma de castigo divino.

Ezequiel reconhece que a humanidade não poderá pecar indefinidamente sem a intervenção de Deus em juízo. Amom, Moabe, Edom, Filístia, Tiro e Egito (25-29) não recebem menos atenção de Deus do que Israel, e o juízo Dele lhes ensinará que Ele é o Senhor.

Esse panorama das nações em volta e as palavras proferidas contra elas tinham um objetivo central:

a cada nova mensagem profética, Ezequiel enfatizou que a finalidade seria dar conhecimento de quem é verdadeiramente o Senhor de toda a terra e quem tem o controle das ações. Nas palavras do próprio Deus “[...] e saberão que Eu sou o Senhor” (29.21). A aliança de Deus com seu povo nunca deixou de conter condições (Dt 4-5). Apesar de Javé manter um relacionamento especial com Israel, seu governo se estende a todo o Universo. Esse governo inclui até usar nações pagãs e seus regentes como instrumentos para disciplinar o Israel rebelde, como foi o caso de Nabucodonosor, rei da Babilônia (Jr 25.9; 27.6; 43.10).

Na verdade, a maneira de Deus tratar com Israel serve de demonstração pública de seu caráter (Dt 29.24,25): as leis demonstram sua sabedoria (Dt 4.6); o êxodo e outros atos grandiosos demonstram seu poder (Lv 26.45; Dt 7.19; Js 4.24; Sl 77.14); a eleição de Israel mostra seu amor gracioso e fiel (Dt 7.7-9; 10.15); a disciplina de Israel mostra sua imparcialidade e santidade (Dt 8.20; Jr 46.12; Ez 38.23) e a oferta universal de salvação demonstra sua justiça (Sl 98.2; Is 62.2). O propósito final da existência de Israel é revelar a grandeza do nome de Deus (2Sm 7.23; 1Rs 8.43,60; 1Cr 22.5; 2Cr 6.33; Is 12.4).

Ezequiel recebeu a profecia alertando que o dia do senhor estaria perto (30.3). Esse seria o tempo das nações, quando o Senhor haveria de julgá-las (30.4,5). Grande será o castigo do Senhor quando chegar esse dia. O próprio Deus afirmou o motivo de suas ações de punição (30.19). No dia em que o senhor executar seus juízos contra os povos e as cidades, “Etiópia e Pute, Lude e todo o povo da Arábia, Cube e os povos aliados do Egito cairão pela espada juntamente com eles” (30.5).

Os profetas dramatizavam duas verdades sobre o perdão. Uma é que Deus é de fato compassivo, perdoa os pecados do povo a longo prazo mesmo



se for necessário passar por julgamento no tempo presente (Dn 9.9; Is 33.24; Jr 33.8; 50.20; Mq 7.18). A outra é que, embora a paciência e clemência de Deus sejam imensas, há limites. Chegará o tempo quando não haverá mais possibilidades de perdão (Jr 5.7; Os 1.6; cf. Js 24.19; 2Rs 24.4).

Conclusão

Jerusalém era a cidade santa, mas ela se entregou às abominações e, por isso, estava sendo castigada. Também os outros povos receberam o juízo divino relativo aos seus pecados e arrogâncias.

Existia uma aliança com Deus. Como se a pessoa recebesse as chaves do Reino dos céus (Mt 16.19) e tudo o que diz respeito à vida e piedade (2 Pe 1.3), o Senhor dá ordem aos seus anjos a respeito dela (Sl 91.11) e, como se tudo isso não bastasse, Ele atende ao que deseja o coração dela (Sl 37.4). No entanto, em vez de agradecer ao Pai Celeste por tudo o que recebeu, ela vive em conluio com os inimigos dEle. Quanta ingratidão! Seria a fé que ela professa em Cristo uma farsa?

Se você planeja submeter-se à vida cristã tendo o compromisso de conhecer o seu Deus e caminhar em obediência a Ele, então nem comece, porque o cristianismo se resume a isso. É uma mudança de cidadania, governo e comprometimento. Se você não pretende deixar que Cristo governe a sua vida, então esqueça o cristianismo; ele não é para você. Embora ainda não tenhamos alcançado a perfeição sem pecado, o desejo do nosso coração deve ser conformado à imagem santa de Jesus Cristo.

“Mas, se há algo na religião de modo geral que certamente devemos saber, é que devemos compreender atentamente que o perdão de pecados pode ser alcançado seja qual for a razão, a lei, as condições, as finalidades ou dificuldades” (Calvino, Institutas III.iv.2).

Deus está ao lado de seu povo em qualquer circunstância, pronto para perdoar um coração verdadeiramente arrependido. Tudo o que aconteceu na história de Israel ou tudo o que ainda irá acontecer em nossa história, será para que o nome de Deus seja engrandecido e conhecido por todos os povos. Amém.

Referências:

Bibliografia:

- Bíblia Sagrada, Revista e Atualizada no Brasil. 2º ed. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.
- Contaminados pela Babilônia, Steve Gallagher; tradução de Maria de Lourdes Vaz Spezapria, Rio de Janeiro: Graça Editorial, 2020.
- Novo Dicionário de Teologia Bíblica, Ed. Vida, 2000, 2003.
- Revista Compromisso, Lição 9, Profecias contra as nações. Ano CXVII, nº 468.

